

## ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE HANS-GEORG GADAMER\*

### SOME NOTES ON HANS-GEORG GADAMER PHILOSOPHICAL HERMENEUTICS

Francisco Alvarenga Junnior Neto\*\*

#### RESUMO

O presente texto versa sobre a forma com que o filósofo alemão hermeneuta Hans-Georg Gadamer, em seu construto teórico, concebeu e discutiu o tema da verdade. Para tal, buscar-se-á realizar um breve itinerário entre as elucubrações gadamerianas em torno do tema que não se apresenta de forma clara e objetiva, o que, aparentemente, é fruto da própria psicologia do filósofo, que sempre se mostrou disposto ao diálogo, não determinando de forma acabada os conceitos e temas sobre os quais se debruçou. Assim, buscar-se-á explicitar a crítica de Gadamer à modernidade, o que se seguirá de uma rápida apresentação da compreensão tradicional filosófica acerca da hermenêutica, apresentando aí alguns autores vinculados ao seu desenvolvimento, os quais influenciaram Gadamer ou sofreram sua influência, como é o caso de Schleiermacher, Dilthey e Heidegger. Em seguida, após tal apresentação, trataremos da forma como a hermenêutica foi compreendida por Gadamer e, também, a forma com que ele compreendeu a verdade, inserida na história, como uma constante manifestação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diálogo. Gadamer. Hermenêutica. Manifestação. Verdade.

#### ABSTRACT

This article deals with the way in which the hermeneutic German philosopher Hans-Georg Gadamer, in his theoretical construct, conceived and discussed the theme of truth. For that, we will try to make a brief itinerary between the gadamerian elucubrations around the subject that is not presented clearly and objectively, which apparently is the result of the philosopher's own psychology, which has always been willing to dialogue, not determining in a final way the concepts and themes on which it has addressed. Thus, it will seek to clarify Gadamer's critique of modernity, which will be followed by a brief presentation of the traditional philosophical understanding of hermeneutics, presenting some authors linked to its development, which influenced or suffered the influence of Gadamer, as is the case with Schleiermacher, Dilthey and Heidegger. Then, after such a presentation, we will deal with the manner in which the hermeneutics was understood by Gadamer and the way in which he understood the truth, inserted in history, as a constant manifestation.

**KEYWORDS:** Dialogue. Gadamer. Hermeneutics. Manifestation. Truth.

#### INTRODUÇÃO

Este texto versa sobre a forma com que o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, em seu construto teórico, concebeu o tema da verdade. Gadamer, ao alinhar a ideia de verdade ao

---

\* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

\*\* Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista CAPES. E-mail: [franciscocmf@gmail.com](mailto:franciscocmf@gmail.com).

plano do devir, ou seja, como algo que não se encontra já dado, mas sim em uma constante manifestação, colocou-se de forma crítica à concepção vigente na tradição desde a Grécia.

Em um primeiro momento, será realizada uma exposição da crítica de Gadamer à modernidade, pontuando o problema do método. Como bem se sabe, a característica principal do pensamento moderno é a constante negação da tradição greco-medieval, por meio de uma supervalorização da racionalidade científica que não se restringiu apenas ao campo científico, mas, também, desdobrou-se para outros campos da vida do homem. De laços sociais a sentimentos, costumes e crenças, grande parte daquilo que estruturou a identidade do homem moderno se encontrou abarcada por essa concepção.

Em seguida, o texto se desenvolverá apresentando a hermenêutica filosófica de Gadamer, que recebeu grande influência de Heidegger. Em Gadamer, culmina uma teoria da consciência histórica contrária à concepção moderna. Dessa forma, a hermenêutica passou a ser compreendida não como um método, mas como o ato de compreensão por excelência.

## 1 A MODERNIDADE E O PROBLEMA DO MÉTODO

Alain Touraine<sup>1</sup> intitulou a primeira parte de seu livro *Crítica da modernidade* (1994), com o seguinte tema: “A modernidade triunfante”, em que afirmou que, com o surgimento da modernidade, não houve somente uma mudança, uma sucessão de acontecimentos (TOURAINÉ, 1994), mas uma ruptura profunda com os antigos pilares que fundamentavam a sociedade em períodos anteriores. Bem se sabe que a partir do surgimento das primeiras borbulhas do pensamento racionalista, característica principal desse período, houve uma reivindicação identitária acerca da racionalidade, uma vez que

A particularidade do pensamento ocidental, no momento de sua mais forte identificação com a modernidade, é que ele quis passar do papel essencial reconhecido à racionalização para a ideia mais ampla de uma *sociedade racional*, na qual a razão não comanda apenas a atividade científica e técnica, mas o governo dos homens tanto quanto a administração das coisas.

Às vezes, ela [a modernidade] imaginou a sociedade como uma ordem, uma arquitetura, baseada sobre o cálculo; às vezes ela fez da razão um instrumento de serviço do interesse e do prazer dos indivíduos; e às vezes, finalmente, ela a utilizou como uma arma crítica contra todos os poderes para liberar uma “natureza humana” que havia esmagado a autoridade religiosa.

Em todos os casos, porém, ela [a modernidade] fez da racionalização o único princípio de organização da vida pessoal e coletiva, associando-a ao tema da secularização, isto é, do desvinculamento de toda a definição dos “fins últimos”. (TOURAINÉ, 1994, p. 18).

---

<sup>1</sup>Sociólogo francês que ganhou certa relevância em seus trabalhos dedicados à sociologia do trabalho e dos movimentos sociais.

A modernidade é marcada por uma negação de valores sacralizados em períodos anteriores. Nesse fenômeno a racionalização de todos os aspectos da vida exerceu um papel fundamental, já que se tornou imperativo que laços sociais, sentimentos, costumes e crenças transmitidos pela tradição fossem destruídos. Uma revolução, assim conceberam os modernos ao tratarem de seus avanços científicos. De fato, é inegável, houve uma mudança estrutural na psicologia do homem. O período moderno trouxe ao centro do palco a razão e – diferente do que ocorreu na Antiguidade e Idade Média, quando ela assumia um papel secundário – atribuiu a ela um status de estrutura da própria existência.

Podemos perceber que o período moderno é identificado como uma profunda ruptura com períodos anteriores da humanidade, graças à sua hipervalorização de um rigoroso método para se alcançar a verdade (SOUZA, 2017). Descartes, na busca de encontrar uma verdade que fosse indubitável, assumiu uma posição cética frente à realidade (SMITH, 2000) e elegeu a dúvida sistemática como procedimento filosófico. Tal qual se encontra em suas *Meditações*:

[...] provar que todas elas [as antigas opiniões] são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestadamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas. (DESCARTES, 1979, p. 85).

Descartes foi responsável pela fundação de um método pela via das dúvidas para se chegar a uma verdade final que pudesse passar pelo crivo da razão sem perder seu mérito como tal. Como dito, o filósofo francês assumiu em último grau uma posição cética hiperbólica; entretanto, o filósofo não foi um cético. No início das *Meditações* (1979), ele afirmou “que pretende desfazer-se de todas as opiniões a que até então dera crédito. Ele, porém, não é um cético: trata-se antes de um dogmático insatisfeito” (FORLIN, 2004, p. 30).

Desta feita, Descartes, com sua visão mecanicista do mundo, inspirado na matemática, buscou verdades absolutas. Com isso, tendo como ponto de partida o pensamento cartesiano, a filosofia, ressalta-se a dos séculos XVII e XVIII, passou a não admitir que a verdade pudesse ser comunicada em um primeiro plano da realidade. Fundou-se, então, a ideia de uma única verdade que somente poderia ser acreditada como tal após ser submetida a um criterioso procedimento. Desse ínterim, qualquer outro meio de se chegar à verdade, ou mesmo qualquer outra verdade que não a alcançada pelo método científico, passou a ser relegado ao descrédito e esquecimento. A modernidade, sob a influência cartesiana, teve suas bases

fundadas no *cogito* (DESCARTES, 2006) e, a partir de então, o alcance de algo verdadeiro se tornou exclusivo da ciência e de seu “método adequado”.

No livro *Verdade e método* (1999), Gadamer criticou a ideia de uma verdade absoluta e, também, de um método universal de se chegar a ela. Outro ponto a se destacar da crítica de Gadamer à modernidade é a desabilitação da tradição. Segundo a sua crítica, na modernidade a razão foi tomada como autônoma e considerada a-histórica e graças a isso estaria apta a realizar um julgamento incorruptível da realidade.

Gadamer nos lembra que originariamente o termo tradição, do latim *tradere*, significava, traduzindo livremente, ‘transmissão’ e não apenas um aglomerado de fatos e histórias armazenadas. Se a tradição é transmissão, então podemos pensá-la como aquele fator que possibilita a atualização e a constante reelaboração de todos os conteúdos presentes nela. (SOUZA, 2016, p. 243).

Assim, Gadamer compreendeu que a tradição é linguagem e por isso ela envolve toda a existência e é, também, algo do qual não podemos sair. Logo, não seria possível pensar uma razão autônoma na modernidade, haja vista que qualquer consideração estaria contida nela ou senão a pressuporia (SOUZA, 2016). Segundo Ferreira Jr. (2005, p. 166), “embora a ciência seja responsável pela libertação de muitos preconceitos, quanto mais se amplia o caráter do seu procedimento metodológico mais se torna limitado o alcance de sua verdade”.

É justamente desse alcance limitado da verdade do procedimento metodológico (FERREIRA JÚNIOR, 2005) que Gadamer pretendeu se afastar. Gadamer acentuou que a hermenêutica não deve se preocupar somente com as elaborações epistemológicas. Entretanto, antes de trilharmos as veredas da hermenêutica filosófica gadameriana, façamos um breve levantamento das teorias hermenêuticas que o antecederam.

## 2 HERMENÊUTICA: ENTRE O MÉTODO E A EXISTÊNCIA

O termo “hermenêutica” possui vários significados, aqui tomaremos aquele que designa traduzir ou interpretar: *Hermeneia*. De origem do mesmo termo grego surgiu o nome do deus Hermes: o mensageiro, que tinha como responsabilidade interpretar e traduzir aos humanos as mensagens dos deuses<sup>2</sup>. Porém, enquanto um campo da linguagem, um método, a hermenêutica, tal qual a compreendemos hoje, floresceu no século XVII. Com o advento da

---

<sup>2</sup>Como dito, essa significação é uma entre várias. Mesmo Gadamer não a toma como correta. Assim, não há uma posição consensual acerca da origem do termo hermenêutica.

modernidade, a hermenêutica se solidificou como uma metodologia sistemática de interpretação (INWOOD, 1998). Palmer (1986, p. 24) compreendeu a hermenêutica como sendo o ato de “transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender”.

Destarte, antes de nos enveredarmos pela hermenêutica filosófica de Gadamer, façamos uma breve lembrança de três autores que são citados em tom enfático por Gadamer em *Verdade e método* (1999), que exerceram grande influência sobre ele, a saber: Schleiermacher, Dilthey e – o que exerceu maior influência – Heidegger<sup>3</sup>.

## 2.1 SCHLEIERMACHER

Friedrich Daniel Ernest Schleiermacher (1768-1834) foi um professor de Filosofia e Teologia alemão que contribuiu enormemente para o desenvolvimento da hermenêutica como o procedimento que conhecemos hoje. Com ele se iniciou uma hermenêutica através da qual a interpretação não se restringia apenas a uma filologia. Schleiermacher é referenciado como sendo o criador de uma hermenêutica geral. Conforme Ricouer apontou, o que havia antes dele era, de um lado, “uma filologia dos textos clássicos, sobretudo os da antiguidade greco-latina, e, do outro, uma exegese dos textos sagrados, o Antigo e o Novo Testamentos” (RICOUER, 1977, p. 20). Segundo, ainda, Ricouer, com ele se iniciou um processo de desregionalização da hermenêutica.

A hermenêutica schleiermacheriana é constituída de duas vertentes interpretativas: a gramatical, puramente sintática, e a psicológica, por meio da qual se busca apreender as intenções do autor.

## 2.2 DILTHEY

Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911), tal qual Schleiermacher, de quem foi biógrafo, foi professor na Universidade de Berlim, e suas contribuições se estenderam aos campos da história e psicologia, além do campo hermenêutico. Dilthey deu grande ênfase ao

---

<sup>3</sup>Gadamer possui uma profunda relação com Heidegger. Houve entre os dois autores uma relação de professor e aluno que se estendeu ao campo filosófico. Gadamer, em alguns de seus textos, afirma a enorme importância de seu contato com Heidegger para o desenvolvimento de sua teoria filosófica. Sobre este assunto, ver Gadamer (2009, p. 9).

caráter histórico da interpretação e compreensão. Entretanto, sua teoria foi erigida sob uma perspectiva epistemológica.

### 2.3 HEIDEGGER

Heidegger operou uma viragem ontológica da hermenêutica. Ele voltou o olhar para o *Dasein*, ser-aí, que está em um constante construir-se em relação ao mundo e ao tempo. A partir de Heidegger, a hermenêutica passou a ser vista fenomenologicamente (RICOUER, 1977). Nesse sentido, a hermenêutica não poderia ser senão o ato de o sujeito compreender-se a si mesmo na história. Para ele, estamos sempre interpretando, assim o ato de compreender estaria no ser *aprioristicamente*. Compreender, nesse ínterim, é a própria condição do ser enquanto existência; diferente do que ocorre com o entendimento científico ou filosófico, que são adquiridos posteriormente e seriam desdobramentos do primeiro, uma vez que:

[...] ser-verdadeiro enquanto descobridor é um modo de ser da presença. O que possibilita esse descobrir em si mesmo deve ser necessariamente considerado “verdadeiro”, num sentido ainda mais originário. Os fundamentos ontológico-existenciais do próprio descobrir é que mostram o fenômeno mais originário da verdade. (HEIDEGGER, 2006, p. 291).

### 3 A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE HANS-GEORG GADAMER

A hermenêutica que se vai desenvolver aqui não é uma doutrina de métodos das ciências do espírito, mas a tentativa de entender o que são na verdade as ciências do espírito, para além de sua autoconsciência metodológica, o que as liga ao conjunto de nossa experiência de mundo. (GADAMER, 1999, 31).

Para Ricouer (1977), em Gadamer culminou uma teoria da consciência histórica, uma vez que o que ele realizou foi um contraponto à modernidade, a qual tratou a verdade por um viés puramente epistemológico. Nesse ponto ele se aproximou de Heidegger, ao entender que a compreensão não é um método secundário, conforme ocorre nas ciências naturais. Para Gadamer o ato de compreensão está intrínseco ao homem, como uma condição existencial. “Com Gadamer ocorre o reconhecimento da hermenêutica como um tipo específico de filosofia cujo objetivo é geral e aplicável tanto à esfera ontológica como também histórica e epistemológica (nas ciências do espírito).” (SOUZA, 2016, p. 250).

O que Gadamer buscou demonstrar foi que a verdade nas ciências do espírito<sup>4</sup> não se limita àquilo verificável por meio do método científico, como ocorre nas ciências da natureza. Para ele “a hermenêutica filosófica tem como tarefa abrir a dimensão hermenêutica em toda sua amplitude e alcance e de aplicar o seu significado fundamental a todo o conjunto de nossa compreensão de mundo” (GADAMER, 2002, p. 270).

Essa compreensão gadameriana nos coloca frente às nossas próprias concepções daquilo que vem a ser a verdade. Gadamer não concebe uma verdade absoluta ou mesmo um conceito definitivo como sendo a verdade. Visitando a filosofia heideggeriana, nosso filósofo compreendeu a verdade como algo que está inserido em um diálogo do sujeito com o mundo e, assim, buscou distinguir duas formas de denominar a verdade: a primeira como sendo entendida *veritas* (adequação); e a segunda como *aletheia* (desvelamento). Gadamer não tirou o mérito de seu tutor, entretanto compreendeu que não foi Heidegger o primeiro a ver a verdade como um movimento de desvelamento e, com isso, retornou à Grécia antiga as raízes de sua compreensão:

Ao recuperar o sentido da palavra grega que significa verdade, Heidegger possibilitou em nossa geração um conhecimento promissor. Não foi Heidegger o primeiro a descobrir que *aletheia*, significa propriamente desocultação (*unverborgenheit*). Heidegger nos ensinou o que significa para o pensamento do ser o fato de a verdade precisar ser arrebatada da ocultação (*verborgenheit*) e do velamento (*verhohlenheit*) das coisas como um roubo. A ocultação e o velamento pertencem ao mesmo fenômeno. As coisas mantêm-se por si próprias em estado de ocultação; “a natureza ama esconder-se”, teria dito Heráclito. (GADAMER, 2002, p. 59-60).

Heidegger afirmou que a verdade compreendida somente como adequação não seria capaz de abarcar a Verdade. Assim, tal qual também o é para Gadamer, ele, retomando o sentido grego da verdade como *aletheia*, uma abertura do ser-aí, compreendeu que a verdade não pode ser adequação, mas uma manifestação. Para a efetivação da hermenêutica, segundo nosso autor, a experiência da realidade se faz necessária para se chegar à verdade. Dessa forma, a verdade não poderia ser pensada como uma categoria metafísica que se encontra apartada do mundo sensível. Para tal, Gadamer edificou quatro bases para se pensar a hermenêutica filosófica: 1) a consciência histórica efetiva; 2) o círculo hermenêutico; 3) o jogo; 4) a fusão de horizontes (GADAMER, 1999).

---

<sup>4</sup>Entenda-se como Ciências Humanas.

- 1) A consciência histórica efetiva para Gadamer se referencia à consciência que é afetada pela história, estando, assim, aberta aos efeitos que essa afetação pode causar. Tal compreensão remonta a Heidegger, em o *Ser e tempo* (2006), em que ele afirma que a compreensão se encontra imersa no tempo e na história;
- 2) o círculo hermenêutico aponta novamente à influência de Heidegger sobre Gadamer. Neste conceito se expressa a ideia de que há uma imediatez na compreensão do mundo a partir de pré-compreensões que se tornam evidentes ao nos defrontarmos com textos e obras de arte, por exemplo (GADAMER, 1999);
- 3) o jogo carrega, em Gadamer, a explicação para a sua tese de que a linguagem é um meio para a hermenêutica, pois, acredita ele, que a hermenêutica é um diálogo. Assim, não pode ser que a linguagem seja concebida como uma categoria subjetiva de um indivíduo. Esse conceito é importante para Gadamer, uma vez que é a partir dele que é possível compreender a arte como possuidora, detentora, da verdade, contrariando, assim, a concepção kantiana de juízo estético (GADAMER, 1999);
- 4) a fusão de horizontes é entendida por Gadamer como sendo uma percepção não específica, mas abrangente, porém, que surge encerrada na compreensão do indivíduo, que não é absoluta e está aberta às mudanças pelas quais o indivíduo pode passar. A fusão de horizontes, como os demais conceitos assumidos por Gadamer, demonstram sua atividade crítica à modernidade. Nesse sentido, com esse conceito, nosso pensador quis apontar que a hermenêutica filosófica é, antes de mais nada, uma compreensão da verdade que se encontra em movimento, do qual podem surgir várias interpretações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verdade é bem mais abrangente do que um simples conceito legado pelo pensamento moderno e seu método científico, e querer lhe dar um único viés é algo precipitado. A partir dessa constatação, Gadamer advertiu que a modernidade esteve sob o jugo de uma concepção unilateral, na qual o indivíduo, acreditado como detentor de uma razão capaz de abarcar toda a realidade, determinaria o sentido do mundo.

É a partir dessa análise que Gadamer compreendeu a experiência estética como uma via de acesso à verdade que está para além dos limites das ciências da natureza e seu método. Gadamer é enfático ao salientar que a ciência não dá conta de todos os sentidos do mundo, todos os fenômenos, sendo a arte a forma mais aparente dessa constatação, pois por meio dela

nos é presente, da forma mais clara, que a verdade não pode ser uma adequação, mas sim um desvelamento, uma manifestação, constante no devir da história.

## REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **A Discourse on the Method:** of Correctly Conducting One's Reason and Seeking Truth in the Sciences. Oxford: Oxford University Press, 2006.

DESCARTES, René. **Meditações.** 2. ed. Tradução Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultura, 1979. (Os Pensadores).

FERREIRA JR., Almir. **Estética e hermenêutica:** a arte como declaração de verdade em Gadamer. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FORLIN, Eneias. **A teoria cartesiana da verdade.** São Paulo: Humanitas e Ijuí: Unijuí/Fapesp, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **A ideia do bem entre Platão e Aristóteles.** Tradução Tito Lívio Cruz Romão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Biblioteca do pensamento moderno).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 5. ed. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II:** traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e o tempo.** 10. ed. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

INWOOD, Michael. hermeneutics. **Routledge Encyclopedia of Philosophy**, Version 1.0, London: Routledge, 1998. Disponível em: <https://www.rep.routledge.com/articles/thematic/hermeneutics/v-1>. Acesso: 30 set. 2018.

PALMER, Richard. **Hermenêutica.** Lisboa: Edições 70, 1986.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias.** Tradução e organização de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo filosófico.** São Paulo: E.P.U, 2000.

SOUZA, José Aguiar de. Bionarrativa e generosidade hermenêutica: um novo olhar sobre a natureza. In: REIS, Émilien Vilas Boas; ROCHA, Marcelo Antônio (org.). **Filosofia da natureza e direito ambiental: fundamentos para uma nova ética ambiental.** Belo Horizonte: 3i Editora, 2017, p. 15-36.

SOUZA, Luis Fernando dos Santos. Considerações acerca da verdade na hermenêutica filosófica de Hans G. Gadamer. *Sofia*, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/sofia/article/view/11566>. Acesso em: 30 set. 2018. p. 238-258.

TOURAINÉ, Alan. *Crítica da modernidade*. Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.